



O ENSINO DE FILOSOFIA NA ESCOLA BÁSICA: UMA LEITURA FOUCAULTIANA

Liliana Souza de Oliveira - UFSM

Introdução

O artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) determina que ao final do ensino médio, todo estudante deverá “dominar os conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania”. Este foi um avanço significativo para a presença da filosofia na escola básica, pois em 1961 (com a Lei n. 4.024/61) a filosofia deixa de ser obrigatória e em 1971 (com a Lei n.5.692/71) ela praticamente desaparece das escolas. Recentemente o ensino de Filosofia tornou-se obrigatório no currículo da escola de ensino médio a partir de uma determinação legal do Conselho Nacional de Educação, que aprovou o Parecer CNE/CEB 38/2006. A obrigatoriedade representa a possibilidade de termos um espaço no currículo da escola dedicado ao fazer filosófico. A introdução do ensino de Filosofia na escola básica deve ser entendida como uma oportunidade de investigar outras práticas escolares que permitam que o ensino de filosofia possa se transformar em um modo de vida por meio do cuidado de si que deve consistir no conhecimento de si. O trabalho filosófico pressupõe um exercício de si mesmo que segundo Foucault versa sobre o que se pode pensar e o que se pode mudar no que se pensa. Entende que educar não é a transmissão de um saber teórico ou uma habilidade, mas é uma ação que implica ocupar-se com si. Ocupar-se com si é conhecer-se. Este cuidar exige certo deslocamento do sujeito em direção a ele mesmo e em direção ao outro. O cuidado de si é atravessado pela existência do outro, o que acaba por constituir um sujeito ético.

Se o exercício filosófico se constituir numa prática do cuidado de si que afirme uma independência no modo ser, pensar e se constituir, então, a filosofia não será mais um sistema

ou um corpo de conhecimentos. Pensar o ensino de Filosofia como uma atitude, uma ação introduz novas possibilidades filosóficas e organiza as práticas da Filosofia.

O ensino de Filosofia enquanto este ocupar-se com si mesmo não deve ser a preparação para a vida, deve ser uma forma de vida, isto é, uma prática a ser exercida por toda a vida. Esta prática deve ter uma função crítica que permita pensar e mudar o modo de pensar. A prática do cuidado de si pressupõe fornecer aos indivíduos a coragem e a força para lutar por toda vida. Além disso, tem um aspecto terapêutico, isto é, deve poder cuidar das questões da alma. Diante do compromisso do ensino de Filosofia com ideais e valores ligados a autonomia é fundamental considerar os sujeitos envolvidos no processo da educação a fim de viabilizar práticas educativas que permitam a todos os envolvidos a afirmação da vida.

2. Problema

- Quais os limites e as possibilidades para pensar e produzir o ensino de Filosofia como um modo de vida dentro da escola que é uma instituição disciplinadora?

3. Justificativa

Este trabalho visa tensionar uma dimensão esquecida pela tradição que é o cuidado de si. Para que possamos recuperar o fazer filosófico como uma estética da existência é necessário entender como a tradição filosófica que privilegiava a Filosofia como um modo de vida relegou o cuidado de si e privilegiou o conhecimento de si.

As tematizações filosóficas desenvolvidas pelos antigos indicavam uma preocupação com o cuidado de si. Segundo Foucault, na *Apologia de Sócrates* encontramos passagens importantes para a compreensão do cuidado de si como cuidado para consigo e cuidado para com os outros. Sócrates é aquele que cuida dos atenienses e isso se revela na atenção e na escuta do outro. O *conhece-te a ti mesmo* socrático é uma consequência do cuidado de si. O cuidar de si implica voltar-se para si, perceber-se, escutar-se, estar atento as práticas, o que acaba por gerar um conhecimento de si. Assim, o conhecimento de si depende do cuidado de si. Pensar nesta relação implica inverter a interpretação da tradição filosófica que acabou por privilegiar o conhecimento em detrimento do cuidado.

O ensino de Filosofia muitas vezes se reduziu a repetição de teorias, pensadores e métodos sem provocar uma reflexão sobre si e sobre o mundo. Repetição que torna a filosofia um sistema ou um corpo de conhecimentos que passa a ser sistematicamente repetido sem provocar nenhuma ruptura, quebra ou mudança de perspectiva. Por isso, é fundamental pensar em práticas escolares que permitam este voltar-se para si e para os outros aliando cuidado e conhecimento. Essa maneira de proceder em filosofia nos permite pensar na prática em filosofia como a atenção voltada para si e para o outro. Portanto, pelas razões acima apresentadas, entende-se que o presente trabalho pode contribuir para o estabelecimento de novas questões e para a ampliação do debate acerca do ensino de filosofia e suas práticas escolares. Precisamos investigar e problematizar outras práticas escolares que permitam que o ensino de filosofia possa se transformar em um modo de vida por meio do cuidado de si que deve consistir no conhecimento de si. Além disso, pretendemos explicitar em que consiste o cuidado de si na teoria foucaultiana, compreender a associação entre conhecimento de si e cuidado de si e problematizar a possibilidade de novas práticas no contexto da escola pública contemporânea.

4. Revisão de Literatura

Tradicionalmente a discussão em torno do ensino de Filosofia a partir da obra de Foucault reconhece o trabalho filosófico como um exercício sobre si mesmo, ou seja, o cuidado de si como prática constitutiva do fazer filosófico.

Alexandre Simão de Freitas, um dos intérpretes de Foucault, no texto *Michel Foucault e o "cuidado de si": a invenção de formas de vida resistentes na educação* (2010) nos apresenta Foucault como aquele que parece vislumbrar em suas doutrinas filosóficas a prevalência de uma atitude, de uma maneira de se comportar, capaz de impregnar suas formas de viver, e desenvolvendo-se mediante procedimentos e práticas que eram refletidas, aperfeiçoadas e ensinadas. Vemos configurar-se um princípio preciso, o cuidado de si, como uma prática social fortemente disseminada por toda a antiguidade greco-romana. Enquanto, para os antigos, a experiência filosófica estaria ordenada pelo ideal de produzir no *eu* uma relação de retidão entre ações e pensamentos, ressaltando que o cuidado comporta, sim, uma parte de conhecimento, mas tão somente na medida em que o sujeito precisa medir seus progressos na

constituição do eu da ação ética. Os modernos, diferentemente, são arremessados para dentro de si mesmos, fechando-se na interioridade de sua própria consciência e expandindo uma das mais persistentes tendências da filosofia moderna: o cultivo de uma preocupação com o *cogito*. Em outra direção, na antiga cultura greco-romana, a forma da subjetividade assume o *ethos* da edificação de uma tecnologia da existência, pela qual o indivíduo aprende a ocupar-se de si mesmo.

Segundo Alexandre Freitas (2010), o princípio do cuidado de si exige uma apropriação diferente do conhecimento. O trabalho filosófico-pedagógico a ser realizado não é mais o de simples transmissão de conhecimento, mas o de correção e modificação de hábitos enraizados. Logo, é necessário distinguir entre conhecimentos inúteis que pertencem ao mundo exterior e conhecimentos úteis que concernem à existência humana.

Rodrigo Gellamo (2009) defende que o cuidado pode possibilitar a mudança de foco do conhecimento, sublinhando o cuidado com os pensamentos. Essa translação supõe a interpelação de si e do outro; cuidar para que o outro também se interpele a si e aos outros ante o cuidado dos pensamentos, sem que esse cuidado seja determinado por um modo de conhecimento já estabelecido.

Tensionar a ênfase que se dá ao ensino da Filosofia, ao método e ao conteúdo é permitir que a mera função de transmitir um conhecimento seja ultrapassada, contribuindo para que o atual empobrecimento da experiência que encontramos nos estabelecimentos de ensino seja superado. Talvez a saída para essa forma circular de funcionamento ante o ensino esteja em uma atitude filosófica de resistência, entendida como uma recusa em aceitar passivamente que os outros digam o que é correto pensar, como é correto pensar e qual é o resultado do pensamento ao qual devemos chegar.

Segundo Rodrigo Gellamo (2009), podemos pensar o cuidado que o professor precisa ter consigo mesmo no ato de ter contato com os autores para que seu pensamento se constitua como uma experiência dos filósofos, de tal modo a resistir à maneira que se tornou mais conveniente e convencional que se configura como a aquisição de um conhecimento exterior a si mesmo. O que estamos querendo aqui é escavar aquilo que foi abandonado pela história do pensamento e tensionar essa dimensão esquecida: pensar o cuidado de si como uma possibilidade de colocar o fazer filosófico do professor de Filosofia em outros termos, e, além disso, criar condições de resistência ao movimento que insiste em nos inscrever no regime

discursivo que ampara o ensino da Filosofia. Além disso, essa dimensão do cuidado de si, por não se constituir como uma forma de reconciliação do sujeito consigo mesmo em busca de uma identidade e de um sujeito a se ensinar, possibilita--nos pensar o ensino como uma experiência com o pensamento filosófico que produza um plano de imanência em que o processo de subjetivação, do professor e do aluno, possa ocorrer. Isso porque o sujeito moderno está desprovido da dimensão do cuidado como experiência de si, amparado apenas pelo conhecimento ou por um cuidado fundado no conhecimento, sem que as dimensões estética e ética da produção da existência sejam levadas em conta. No limite, não existe nenhuma forma de reconciliação possível. Por essa razão, procuramos no cuidado de si uma possibilidade de pensar um outro tipo de relação ante o conhecimento e a experiência no ensino da Filosofia que implique uma preocupação consigo mesmo, que não seja exclusivamente pautada pela transmissão de conhecimentos.

Referências Bibliográficas

- ARANTES, Paulo. *A filosofia e seu ensino*. 2 ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUC, 1996.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DESCARTES, R. Discurso do método. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- . Meditações. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 10.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- _____. *Governo de si e dos Outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. *A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Muchail. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GALLO, Silvio. *Filosofia do Ensino da Filosofia*. São Paulo: Vozes, 2003.
- _____. ASPIS, Renato Lima. *Ensinar Filosofia*. São Paulo: Atta, 2009.
- GELAMO, Rodrigo Pelloso. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- GROS, F. (Org.) *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- KOHAN, Walter O. (Org.) *Filosofia: caminhos para seu ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, simplesmente*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- RAGO, Margareth. VEIGA NETO, Alfredo. *Figuras de Foucault*. 2 ed. São Paulo: Autêntica, 2008.
- SILVA, F. L. E. A função social do filósofo. In: ARANTES, P. et al. (Org.) *Filosofia e seu ensino*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUC, 1996.

TOMAZZETI, E. Filosofia no ensino médio e seu professor: algumas reflexões. *Revista do Centro de Educação, Santa Maria*, v.27, n.2, 2002.